[Recensão a] Virgínia Soares Pereira, Plínio-o-Moço

Autor(es): Schiappa, Maria Teresa

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/38987](http://hdl.handle.net/10316.2/38987)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_1_12](http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_1_12)

Accessed : 26-Apr-2023 13:00:34

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Culturas em Diálogo

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Virgínia Soares Pereira, *Plínio-o-Moço*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000, 80 p.

A epígrafe ao título, "um homem a quem a fortuna sorriu", resume com precisão a imagem de Plínio-o-Moço que Virgínia Soares Pereira explora em dimensões multifacetadas, seja a do político (homem de confiança de Trajano), a de orador e advogado, de administrador de numerosos bens pessoais e de cultor apaixonado do *otium litteratum* - esta última faceta, generosamente complementada com iniciativas de interesse colectivo (criação de escolas e bibliotecas) e de Protecção mecenática a talentos literários como Suetónio e Marcial.

Na análise que a A. apresenta da Correspondência (nove livros de cartas privadas e um último de missivas oficiais trocadas com Trajano) encontraremos talvez as razões por que, de uma actividade literária igualmente variada, quase só as Cartas nos chegaram: os paralelos inevitáveis com Cícero (modelo confesso de Plínio), que a correspondência privada insinua já, terão colhido vantagem, não na oratória ou na actividade política, e sim na definição de um modelo de *ars epistolar* (p.43), que nele teve o seu primeiro cultor e, de algum modo, teorizador.

Em oposição à epistolografia torrencial de Cícero, reflexo espontâneo de acontecimentos ou preocupações vividas no imediato, as missivas de Plínio destinam-se a "dar a conhecer o seu pensamento", numa gestão criteriosa de temas e destinatários, em que os últimos eventualmente assumem a condição de meros "dedicatários" de textos, para os quais se previa uma divulgação semipública ou mesmo publicação (pp. 42-47). A A. não vê neste facto razões para duvidar da veracidade factual da correspondência (algumas referências concretas são mesmo hoje abonadas por achados recentes, cf. pp. 31 e 42) nem da ordenação cronológica que os livros sugerem. Acentua, por outro lado, a confluência de hábitos culturais da época, que justificam a apropriação literária de um meio de comunicação, até aí reservado (não obstante as Cartas a Lucílio de Séneca...) a assuntos de ordem imediata: caso, por exemplo, das *recitationes*, que permitiam estreitar à distância os laços entre membros de determinado círculo literário (p.65); ou a difusão de uma retórica da urbanidade (p.47) que, à proibição de "mal-dizer", associava o culto do "dizer arguto" - por vezes epigramático, à maneira de Marcial -,

especialmente adequado a um nível de literariedade discreto, como é o das Cartas de Plínio (são disso prova as remissões constantes, incluídas ao longo do volume em excelentes versões, bem como a mini-antologia que o finaliza - e que se lamenta apenas não incluir a famosa carta a Tácito sobre a erupção do Vesúvio, que vitimou Plínio-o-Velho).

Nesse molde de urbanidade, reportável a uma qualidade superior, humanitas, enquadra a A. as múltiplas actividades de uma vida preenchida e generosa, que os capítulos iniciais explicitam com algum pormenor (sobretudo pp. 16-34); uma síntese talvez não possível ou não tão conseguida, como se sugere (pp. 14 e 32), não fora o meio privilegiado em que nasceu e a estabilidade social e política, proporcionada pelo Optimus princeps (Trajano), que o Panegírico exalta.

Deste modo, para lá do estrito interesse histórico ou literário (ou ambos) da Correspondência e, em menor latitude, do Panegírico (cf. pp.73-75, "Sobrevivência de Plínio"), há a reter a imagem de uma personalidade modelar pelo seu humanismo, a quem se toleram as pequenas vaidades pela forma como logrou utilizar as vantagens de que fora dotado e merecedora, não menos que a obra, do iudicium posteritatis. Desiderato a que a A. faz jus, neste estudo de divulgação, onde a qualidade informativa, a clareza da exposição e a subtilidade de observações várias são potencializadas por uma discreta empatia, que se transfere sem custo ao leitor.

Maria Teresa Schiappa